

QUESTÃO 24

— Vá para o Inferno, Gondim. Você acanalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

— Não pode? — perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

— Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

RAMOS, G. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Nesse fragmento, a discussão dos personagens traz à cena um debate acerca da escrita que

- A diferencia a produção artística do registro padrão da língua.
- B aproxima a literatura de dialetos sociais de pouco prestígio.
- C defende a relação entre a fala e o estilo literário de um autor.
- D contrapõe o preciosismo linguístico a situações de coloquialidade.
- E associa o uso da norma culta à ocorrência de desentendimentos pessoais.

Assunto: Interpretação de Texto

O fragmento “Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.” traz à cena um debate acerca da escrita que contrapõe o preciosismo linguístico a situações de coloquialidade.

Item: D